



O método de observação de bebês de Esther Bick e seu potencial diagnóstico através da comparação de dois casos observados

*Alícia Beatriz Dorado de Lisondo**, São Paulo

*Leda Beolchi Spessoto***, São Paulo

*Lígia Todescan Lessa Mattos****, São Paulo

As autoras destacam o potencial do método de observação de bebês Esther Bick para a avaliação psicanalítica do desenvolvimento emocional na primeira infância, bem como a possibilidade de sua aplicação como fator preventivo de distúrbios emocionais. Consideram que o método pode servir como instrumento para o diagnóstico precoce de Transtornos Globais do Desenvolvimento. Através da comparação de dois casos de observação foram levantadas hipóteses metapsicológicas que apontavam para o nascimento e desenvolvimento da mente num dos casos e para possíveis perturbações desse desenvolvimento em outro. As autoras discutem a validade de uma intervenção quando, nos seminários, constata-se a presença de invariâncias patológicas no desenvolvimento do bebê na família. Propõem a interrupção da observação de bebês para sugerir, quando possível, uma intervenção psicanalítica oportuna ou, então, ao término da observação, o oferecimento de uma entrevista aos pais com o objetivo de despertar sua atenção para as características do desenvolvimento emocional do bebê e de propor estratégias terapêuticas, quando necessário e possível.

Descritores: método Esther Bick, prevenção, transtornos do desenvolvimento emocional.

* Membro efetivo, analista de crianças e analista didata da SBPSP.

** Membro efetivo, analista de crianças e docente do Instituto de Psicanálise da SBPSP.

*** Membro efetivo e docente do Instituto de Psicanálise da SBPSP.



I. Introdução

O método de observação de bebês (OB) foi criado por Esther Bick em 1948. O método propõe que um observador acompanhe o desenvolvimento de um bebê em seu meio familiar até a idade de um ou dois anos, de preferência a partir das últimas semanas da gravidez ou logo depois de seu nascimento. As observações são realizadas semanalmente na casa do bebê, em horários previamente combinados. O *setting* específico da observação de bebês, fundamental para o trabalho, é constituído pela regularidade dos horários, pela frequência das observações e pela atitude de não interferência do observador. O processo de observação é ainda acompanhado por um seminário semanal com um grupo de observadores coordenado por um psicanalista experiente, com vivência de experiência pessoal nesta metodologia. Nesse seminário são discutidos os relatórios de observação, elaborados em narrativa escrita, o mais pormenorizada possível (Bick, 1964; Ungar, 2000).

Peculiaridades do método e sua utilidade para o treino do observador não intrusivo e para a formação do psicanalista

Ao longo do processo o observador é confrontado com a turbulência da experiência emocional característica dos primórdios da vida mental de um bebê. Ele é solicitado a permanecer como um observador atento de seu próprio mundo interno e do impacto emocional que o contato com a situação suscita. Nessas condições, a regra de abstenção de interferência e julgamento auxilia o observador a desenvolver a atenção qualificada, a capacidade de continência de seus movimentos emocionais e a manter um estado de mente no qual possa acolher suas dúvidas, à espera que algo evolua. Com a distância do momento da observação e com a continência do grupo, torna-se possível para o observador examinar seus sentimentos contratransferenciais, assim como os momentos nos quais perdeu sua capacidade de continência frente às situações emocionais vividas. Dadas suas características, o método de observação de bebês foi proposto por Bick como um instrumento importante para a construção da identidade do psicanalista, na medida em que auxilia o desenvolvimento da capacidade negativa (Keats, 1993) e a aprendizagem através da experiência emocional, indispensáveis ao trabalho psicanalítico (Abdala, 2001).



Utilidade do método para o conhecimento da constituição da mente da criança que se dá na relação mãe-bebê

No método de observação da relação mãe-bebê, o observador tem a oportunidade de acompanhar a evolução das relações primárias do bebê com a família e de considerar a trama dos vínculos emocionais que entre eles se estabelecem. Acompanha longitudinalmente a constituição da mente de um bebê a partir de suas interações com o mundo externo, da história das relações emocionais, das funções parentais e do complexo fraterno. Testemunha assim, no decorrer dos encontros, as invariâncias das transformações que podem levar ao desenvolvimento normal como também a um desenvolvimento patológico do bebê, seja pela estagnação ou pela deterioração desse desenvolvimento. Como o trabalho é acompanhado em reuniões semanais com o grupo de observadores, torna-se possível comparar a evolução e o desenvolvimento dos bebês observados nas diferentes famílias. Diferenças e semelhanças vão sendo percebidas e consideradas em sua singularidade, tanto no que se refere aos bebês e às relações mãe-bebê, quanto às relações que se estabelecem entre o observador e a situação observada. Tudo isso contribui para ampliar o conjunto de conhecimentos e de vivências de cada participante dos seminários.

Benefícios secundários do método

Embora não seja um objetivo do método, ele pode ainda ter um efeito terapêutico para a família. O método tem servido também como modelo para a aplicação em outros contextos e com outras finalidades que vão além de sua especificidade na construção da identidade analítica. Assim é que inúmeros trabalhos têm destacado o papel que a presença constante do observador pode desempenhar como modelo continente da função materna. Alguns desses trabalhos demonstram ainda o valor e a necessidade da experiência com o método de observação de bebês para que o analista possa trabalhar com intervenções *precoces* que preferimos chamar de oportunas, seja em consultório, recebendo o bebê juntamente com a família, seja em instituições (Houzel, 2001).

Utilidade do método para o treino de diagnóstico metapsicológico na formação de psicanalistas

Na situação de observação da relação mãe-bebê, assim como na sala de análise quando o analista está com seu paciente, o observador deve permanecer no campo emocional, sendo capaz de ser continente da turbulência que a situação suscita e contando ainda mais consigo mesmo, já que nessa situação não dispõe do interlocutor-paciente para auxiliá-lo. É dessa maneira que ele irá desenvolver



a condição de transformar em reflexões o conjunto das observações que faz sobre a situação e sobre si próprio. Assim, o método de observação de bebês (OB), quando utilizado na formação do psicanalista, contribui também para o treino da capacidade clínica de observação e do estabelecimento de hipóteses ou conjecturas a respeito de um diagnóstico estruturalmente inteligível. A escrita do relatório, por sua vez, leva a um trabalho posterior de elaboração psíquica da experiência vivida e à busca de seus significados, com a consideração pelos seus paradoxos, ambiguidades e contradições. Por sua vez, nas discussões com o grupo do seminário, a confrontação com as diferentes ideias sobre o material apresentado auxilia o observador a discriminar os *fatos observados*, nunca puros, daquilo que já é interpretação ou teorização a partir do observado. O observador psicanalítico da relação mãe-bebê estará assim num lugar privilegiado que lhe permitirá levantar hipóteses imaginativas. Essas hipóteses poderão levar a uma posterior compreensão metapsicológica e também à formulação de um diagnóstico estruturalmente inteligível. A partir das avaliações realizadas ao longo da observação longitudinal da relação mãe-bebê e no decorrer das inúmeras observações e discussões nos seminários, as hipóteses poderão ser ampliadas, confirmadas ou refutadas (Livtan, 2007).

II. Proposta deste trabalho

Em trabalho anterior uma das autoras (Lisondo, 2007) já havia ressaltado a importância da especificidade da avaliação psicanalítica de bebês e de crianças pequenas bem como a urgência dessa avaliação, uma vez que é nos dois primeiros anos de vida que os alicerces da estrutura psíquica são construídos. Neste trabalho propomos discutir o potencial do método de observação de bebês para o diagnóstico precoce dos transtornos do desenvolvimento emocional e de suas etiologias. Consideramos que, no processo de observação, tal como o apresentamos, torna-se possível destacar invariâncias presentes nos padrões de relacionamento e de comunicação da dupla mãe-bebê, bebê-observador, mãe-bebê-observador (e, eventualmente, dos demais membros da família) registradas ao longo do processo. Consideramos ainda que a observação dessas invariâncias nos autoriza a realizar um diagnóstico que leve em conta a discriminação entre o desenvolvimento suficientemente saudável de um bebê e as configurações que indiquem possíveis perturbações emocionais.

Destacamos também neste trabalho a conveniência da abertura de um espaço para intervenções oportunas quando as observações sugerem a hipótese de um





diagnóstico de distúrbios precoces do desenvolvimento. Consideramos, nesses casos, a possibilidade de uma interrupção da observação, seja a partir da solicitação dos pais para que, em outro enquadre, um espaço de esclarecimento lhes seja oferecido, seja por iniciativa do próprio observador, quando as observações sugerem a hipótese de um diagnóstico de transtorno do desenvolvimento emocional. Consideramos que essa interrupção por decisão do observador é uma decorrência de sua postura ética.

Desenvolvimento de nossa proposta

No contexto de um seminário em curso há um ano e meio sob a coordenação de Alícia Beatriz Dorado de Lisondo, levantamos hipóteses sobre as possibilidades de desenvolvimento de dois bebês aqui apresentados com nomes fictícios: Jéssica, com evolução aparentemente favorável, e Mariana, que desde muito cedo apresentou indícios de dificuldades de interação e contato. Este trabalho baseia-se, portanto, na comparação de vinhetas dessas duas observações que sugerem as hipóteses que formulamos: do caminho do desenvolvimento mental em Jéssica e dos transtornos de desenvolvimento emocional em Mariana. São essas hipóteses, formuladas e reformuladas no decorrer dos seminários, que apresentaremos aqui para discussão. Mantivemos os relatos tal como foram feitos pelas observadoras em seus relatórios.

Observação de Jéssica¹

A observação de Jéssica começou bem antes de seu nascimento. Iniciei as visitas à casa da família três semanas antes da data prevista para o nascimento. Observei Jéssica dos seis dias de vida até os dezoito meses.

Conheci a mãe, Tatiana, em local onde eu sabia que teria a oportunidade encontrar futuras mães para meu trabalho de observação: uma academia de ginástica. Durante esse tempo Tatiana sempre vinha falar comigo, como que se oferecendo à minha observação. Uma relação próxima já tinha se estabelecido. Era Tatiana a *minha grávida*. Teria havido um acordo inconsciente entre nós quanto ao fato de que a experiência de observação já tinha se iniciado desde nosso primeiro contato?

O anseio de Tatiana pelo encontro explicitou-se na primeira visita à casa da família. Ela, vinda de uma pequena cidade do interior de outro Estado e sem raízes ou parentes em São Paulo, me colocou imediatamente na intimidade de suas emoções ao fazer o relato de situações que tinha vivido. Um ano e meio

¹ Observadora: Ligia Todescan Lessa Mattos.



antes o casal tinha se separado por algum tempo. Tatiana me fez confiante da dor profunda que sentira na ocasião pelo afastamento emocional do marido, seu companheiro desde a adolescência. Mas me fez também confiante de sua alegria e de seus projetos para o nascimento e para o futuro de sua filhinha. A concepção desejada dessa criança, alguns meses após o casal ter reatado sua ligação, parece ter ocorrido como um movimento reparatório do abalo da união e também como uma afirmação dos aspectos amorosos do casal.

Observação de Mariana²

Observei a bebê a quem chamarei de Mariana desde o seu nascimento até completar um ano de idade. Busquei encontrar uma grávida para fazer a observação através de uma ginecologista. Embora esta tivesse me indicado uma gestante, não me permitiu entrar em contato imediatamente com sua paciente. Por ocasião do parto a ginecologista parecia bastante inquieta e me informou que a mãe se mostrava ansiosa, pois o parto ocorreria alguns dias antes do previsto. “*A criança estava com o peso um pouco baixo*” assim a ginecologista justificou o fato que a teria impedido de me apresentar aos pais para que eu iniciasse a observação antes do nascimento.

Jéssica

O bebê presente na mente da mãe antes do nascimento

Observação nº 1 – trinta e sete semanas de gestação

Em minha primeira visita Tatiana diz que o horário fixado para a observação seria um bom horário porque “É o horário em que o bebê vai tomar banho”. Essa justificativa parecia indicar devaneios que Tatiana já fazia a respeito dos cuidados que teria com seu bebê.

Observação nº 2 – trinta e oito semanas de gestação

Na segunda visita, véspera do parto, a mãe comenta que o berçinho ficaria no quarto do casal: “– Já me disseram que não é bom o bebê ficar no quarto dos pais, mas nas primeiras semanas, como ela vai precisar mamar à noite, vou deixar o berço aqui”. Conversa comigo e acaricia às vezes a barriga, fazendo comentários sobre suas expectativas a respeito do parto. Ao me despedir, mostra-me uma estante na qual há várias fotos do casal e de suas famílias. Diz: “– Logo a Jéssica também vai estar aqui nessas fotos. Vou precisar trocar tudo de lugar”.

² Observadora: Leda Beolchi Spessoto.



Assim, o bebê, na mente da mãe, já tem uma existência, já está inserido na vida dos pais para sempre, já faz parte desta família que, intui a mãe, não será nunca mais a mesma.

A confiança da mãe em sua capacidade de cuidar do bebê

Observação nº 3 – Jéssica aos seis dias

O bebê ficou na maternidade até o quinto dia, pois teve icterícia. Este é o segundo dia do bebê em casa. Acompanho o momento do banho. A avó está presente. A mãe, ao começar a pôr o bebê na água, se inquieta: “-Ih mãe! Acho que errei. Era para lavar a cabecinha primeiro e deixar a fralda para tirar depois para ela não fazer cocô na água do banho!”. A avó responde com tranquilidade dizendo que ela pode enrolar o bebê na toalha e lavar sua cabecinha agora. Tatiana diz que vai sujar a toalha de cocô e começa a limpar os genitais de Jéssica suavemente com um algodão molhado. Neste momento o pai entra no quarto e diz: “- O que foi que você errou? Você limpou de trás para frente?”. Tatiana diz: “- Amor, eu me enganei e tirei a fralda antes!”. A voz dele é um tanto dura e crítica. Ele insiste que os genitais precisam ser lavados de frente para trás. A mãe parece não se abalar. Continua cuidando do bebê. Há aqui certa aflição, todos comentam o que deve ser feito antes, o que deve ser feito depois. Jéssica, que até então só estava se contorcendo com movimentos típicos de bebês recém-nascidos, mas silenciosa, começa a chorar. A mãe continua muito atenta a cuidar do bebê com delicadeza. A avó está do outro lado da banheira, atenta, também, mas tranquila. Tatiana diz: “- Amanhã vai ser melhor, a gente vai aprendendo”.

O bebê agora está chorando muito alto. A mãe coloca a roupinha nela. Percebo que fico um pouco aflita, identificada com o bebê, querendo que a roupa seja posta mais depressa. Mas Tatiana continua serena. Põe a fralda no bebê, que começa a se acalmar. A mãe entrega Jéssica para que a avó a segure enquanto ela tira o *soutien* e limpa o seio. A avó devolve o bebê para Tatiana. Agora o bebê parou de chorar. Tatiana põe Jéssica ao seio. Ela pega o seio imediatamente e mama tranquila. Está completamente voltada para o peito e a barriga da mãe, toda encolhidinha, como se estivesse agarrada ao seu corpo. *A mãe, ajudada pela avó, se mantém continente de sua inquietação e oferece a continência necessária ao bebê para que ele se acalme.*



Mariana

Angústia da mãe – não há espaço em sua mente para os cuidados com o bebê

Observação nº 1 – Mariana aos sete dias

Nesta primeira observação encontro os pais já preocupados com a volta da mãe ao trabalho dentro de quatro meses. Dizem já ter proporcionado à babá vários cursos de puericultura. A mãe também está apreensiva com o fato de a filha só dormir depois que mama ao seio e acha necessário que já aprenda a fazê-lo de outras formas para não ter problemas quando voltar ao trabalho. Sou informada da aflição materna para dar banho na filha, o que se recusa a fazer, deixando esta tarefa a cargo do pai ou da babá, pois não tolera a fragilidade do bebê.

A mãe conta sobre a escolha da babá enumerando dois critérios. Primeiro critério: os pais consideravam a babá ligada a valores de família porque chorava com saudades da sua mãe. Segundo critério: os pais consideravam que a babá tinha um bom português. Pretendia estudar pedagogia, falava e escrevia bem e isto era importante para que o bebê não aprendesse a falar errado antes de ir para a escola.

Pais não atribuem sentido aos gestos do bebê

Ainda na observação nº 1

Mariana mamava e o pai se aproxima, sentando-se ao lado da mãe e diz: “– É muito bom ter um filho, o difícil é que ela não interage”. Comenta que a mãe ficou com ela na barriga e a amamenta, mas fora isso o bebê só dorme. Neste momento o bebê larga o bico do seio e esboça um sorriso. A mãe chama a atenção para este movimento e o bebê o repete. Então os pais dizem: “– É um sorriso? Não, é só um movimento, ela não sabe do que está rindo”. Em discussão posterior, algumas hipóteses foram levantadas:

a) Grande ansiedade frente ao contato com o desamparo e a fragilidade que o bebê evoca na mãe.

b) A vida emocional parece estar atribuída à manifestação de choro da babá e o desejo dela de estudar é interpretado como um ideal para uma filha ótima, um ideal do ego distante do que o bebê precisa no momento atual.

c) Ainda na mesma observação, há um dismantelo do universo emocional que é reduzido a gestos musculares, despojado de qualquer sentido, indicando uma incapacidade de comunicação a não ser que seja no plano físico. Essas observações sugerem o processo de *splitting* forçado de Bion (1962), segundo o qual o sentido emocional de uma experiência é deixado de lado.



Jéssica

Rêverie materna

Observação nº 5 – Jéssica aos treze dias

A mãe prepara o banho do bebê e me diz com orgulho: “– Hoje você vai ver como eu estou melhor do que na semana passada”! Enquanto ela prepara o banho, a avó está com Jéssica deitada adormecida em seus joelhos, voltada para si. Diz: “– Minha linda, minha princesinha, você agora vai acordar, tomar seu banhinho...”. Aos poucos Jéssica começa a mexer os braços e as pernas ainda com os olhos fechados. Em seguida fica com as pernas cruzadas em posição de Buda. A mãe se aproxima e comenta que Jéssica gosta dessa posição: “com as perninhas encolhidas como ela ficava na minha barriga”. Quando Tatiana fala o bebê movimentava a cabeça de forma mais nítida e abre os olhos.

A mãe põe o bebê sobre o trocador e tira sua fralda. O bebê evacua e urina quando a fralda é retirada. Em seguida, quando a mãe limpa seus genitais com um algodão, Jéssica começa a chorar. Seriam essas manifestações que demonstram um movimento de expulsão do desconforto que lhe causa a retirada da “pele de proteção” das roupas? A mãe conversa com ela falando com carinho e admiração: “– Olha só que cocôzão que você fez. Ih! Xixi também!”. Envolve Jéssica numa fralda e a carrega, acalmando-a. Ao ser colocada na água, Jéssica volta novamente a chorar. A mãe a sustenta com uma das mãos e com a outra joga água e passa sabão em seu corpinho acariciando-o. Ela para de chorar. Ao ser colocada em outra posição volta a chorar forte e puxa seus próprios cabelos. A mãe nota isso imediatamente. Segura sua mãozinha e introduz um dedo na palma de sua mão. O bebê agarra o dedo da mãe. Ao retirar Jéssica da água, a mãe a envolve com a toalha segurando-a contra o seu peito, balançando-a suavemente e falando com ela. O bebê para completamente de chorar.

Nesta observação há várias situações emocionais que podem ser destacadas: há uma adequação da avó e da mãe aos movimentos do bebê; uma atenção e um cuidado com a angústia do bebê; o oferecimento intuitivo imediato de proteção e de sustentação que a mãe faz quando introduz seu dedo na palma da mão do bebê. É uma proteção para que o desespero de Jéssica pela perda da continência da água morna e da posição na qual estava segura possa ser mitigado e para que ela não se desorganize mais ainda; a continência através do manto sonoro da fala da mãe e do contato com seu corpo; a admiração pelas ‘produções’ do bebê, investimento narcísico indispensável ao desenvolvimento da autoconfiança. Há ainda a capacidade e a confiança da mãe na possibilidade de aprender com a experiência emocional que tem ao cuidar de seu bebê.



Mariana

Mãe não faz relação entre comportamento e experiência emocional vivida

Observação nº 2 – Mariana com duas semanas

Enquanto Mariana dorme, a mãe conta que a levou à pediatra e que ela engordou 350g. Fala que a pediatra comentou que bebê que mama no peito tem menos cólica e disse também que ela ainda não é um ser completo: só sabe perceber conforto e desconforto. Disse que aos poucos vai olhar para a mão dela, comparar com a dos outros e vai perceber quem é. Durante esta conversa, o bebê vai esboçando várias *caretas*, às vezes move as mãos, outras vezes move o globo ocular mesmo com os olhos fechados como se estivesse sonhando. Comento o que observo e a mãe diz que a pediatra falou que só aos três meses ela terá o ciclo de sono completo igual ao de um adulto. Pergunto se ela acha que Mariana reconhece alguma coisa atualmente e ela diz que reconhece a voz do pai, porque ele falou muito com ela enquanto estava na sua barriga (não faz qualquer menção ao fato de ser o pai quem a banha diariamente e fica com ela no final de semana quando é a folga da babá).

Constato a presença de uma câmera que monitora o berço do bebê e que, segundo a mãe, dispensa sua presença junto à criança porque, pelo controle remoto, ela pode saber o que se passa de qualquer cômodo da casa.

A discussão reaviva impressões de uma mãe preocupada com o desenvolvimento corporal e não mental. Diante de uma suposta dificuldade para acessar o mundo mental, a materialidade corporal é o que se destaca. O processo de desenvolvimento e a vulnerabilidade do bebê são negados, ou não considerados, o que abre caminho para uma exigência de sobreadaptação da criança.

A presença humana e a importância do acolhimento das emoções parecem não fazer parte das preocupações maternas visto que o olhar de uma câmera cumpriria satisfatoriamente a função de vigilância do bebê, desconsiderando o olhar da mãe como elemento integrador das emoções e das percepções (Neborak, 2001; Winnicott, 1975).

Jéssica

Interação mãe-bebê – Comunicação

Observação nº 11 – Jéssica aos dois meses e seis dias

Sobre o trocador Jéssica desperta aos pouquinhos. A mãe fala com ela delicadamente enquanto tira suas roupas. Jéssica acorda, fixa os olhos no rosto da mãe e começa a vocalizar. A mãe responde com palavras carinhosas: “– Oi Jéss, você tá conversando com a mamãe, tá?”. O bebê evacua, a mãe ri: “– Ih! Que



cocôzão!”. O bebê urina em jato. A mãe ri novamente, e o bebê, sempre olhando o rosto da mãe, vocaliza mais forte ainda, sorrindo abertamente. A mãe dá um beijo em seu rosto.

Este é um momento muito especial e eu comento que ainda não tinha visto Jéssica sorrir assim. A mãe diz que faz mais de uma semana que ela começou a sorrir.

A mãe atribui um sentido de comunicação à vocalização do bebê – é interpretada como conversa. O desespero do bebê, observado nos primeiros dias, agora adquire outra qualidade de comunicação com a mãe. Jéssica não chora mais quando são retiradas suas roupas. A expulsão das produções corporais, na medida em que é acolhida pela mãe nessa interação amorosa, vai sendo integrada no processo de reconhecimento do corpo e as sensações corporais parecem adquirir caráter prazeroso.

Mariana

Objeto virtual inanimado como referência

Observação nº 6 – Mariana com um mês e vinte e seis dias

O bebê se mantém com olhar fixo na TV da sala enquanto permanece sentado em uma cadeirinha e sem qualquer interação humana. A mãe permanece na sala assim como a babá também olhando para a TV. Mariana demonstra grande agitação quando impedida de olhar para a televisão por ter sua cadeira posta em posição diferente. Ela se contorce na cadeira e chora muito. A babá vai se aproximando da cadeirinha e, então, abruptamente, Mariana tomba sua cabeça e para de chorar. Por um momento sinto um terror e imagino que a menina fora assassinada. Rapidamente a babá olha para mim, dá um sorriso e diz que ligou o vibrador da cadeira para o nenê dormir.

Em reunião posterior discute-se o quanto objetos inanimados tomam conta da situação e como a menina se esforça para manter mantos sonoros e visuais através da TV, que, embora presentes, não são objetos vitalizadores das funções mentais como seria o encontro humano. O vibrador, quando acionado, parece exacerbar o conforto buscado pela sensorialidade e não pela rêverie das emoções.

Jéssica

Início de discriminação mãe/não-mãe – O bebê observa o observador – Tentativas de controle

Observação nº 20 – Primeiro momento: Jéssica aos cinco meses e cinco dias

Jessica, ao acordar e me ver em seu quarto, desperta inteiramente e me olha atenta. A mãe aproxima-se do berço: “– Acordou, Jéss?”. O bebê se volta



para a mãe, sorri e se movimenta como faz quando parece ter prazer. A mãe sai de seu campo visual e em seguida sai do quarto. Jéssica volta-se inteiramente para mim e, muito atenta, não afasta seus olhos do meu rosto por um longo período. Às vezes volta-se para o lado, põe o dedo na boca como para se preparar para dormir novamente, mas logo o larga e se volta em minha direção, continuando a me olhar. É um olhar interessado, atento, sério. Vira-se de lado várias vezes, desviando seu olhar de mim, tenta chupar o dedo, mas logo o larga, voltando-se novamente para mim. Fico incomodada, penso que talvez eu esteja atrapalhando seu sono. Jéssica começa a ficar inquieta: voltada para cima, com o braço direito pega a ponta do lençol e o chacoalha vigorosamente, trazendo-o para perto do rosto. Esta sequência dura uns quinze minutos.

Eu agora sou vista como um estranho, uma não-mamãe. Há uma inquietação presente. Há tentativas de restabelecer a continuidade alucinatória com mamãe – através da sucção do dedo. A manipulação vigorosa do lençol indicaria um movimento de expulsão do desconforto e, talvez, até mesmo uma expulsão do observador-intruso?

Na sequência seguinte Jéssica é amamentada. Ela busca o seio com uma sofreguidão maior do que a que observei em outras ocasiões. Ao ser retirada do peito começa imediatamente a chupar vigorosamente o dedo. *Teria o bebê ficado sobrecarregado com a percepção mais nítida, agora, da minha pessoa? O quanto de ansiedade provocou a atenção continuada que o bebê manteve diante do estranho? Seria sua sofreguidão em mamar e, em seguida, em substituir imediatamente o mamilo pelo dedo, uma maneira de se organizar e se acalmar, mantendo a continuidade com a mãe?*

A mãe põe Jéssica novamente no berço, deitada de lado. Ela chupa o dedo. No entanto, parece que se lembra da minha presença e se vira para mim, olhando-me atenta. Ela se movimenta, balança o braço como tinha feito ao chacoalhar o lençol. É um movimento rápido e ainda vigoroso. Às vezes se vira um pouco para o lado, como se fosse se posicionar para dormir. Descobre o chocalho que está sobre o berço, aproxima sua mão e mexe nele, atenta. Muda-o de posição com a ponta dos dedos. Volta-se novamente para mim, continua a me observar muito atenta e séria. A mãe sai do quarto. Várias vezes Jéssica se volta para o lado, acho que tentando dormir e *me esquecer*, chupa um pouco o dedo, mas desiste logo, voltando a olhar para mim. Depois de algum tempo regurgita um pouco, solta gases e começa a se movimentar mais. Começa também, sempre olhando para mim, a vocalizar um pouco e, depois, a fazer *brrruuuu* com a boca. Faz tudo isso sem perder o contato visual comigo. *Essas parecem ser tentativas de expulsão do*



desconforto que a percepção da figura não-mãe pode estar provocando, desde os movimentos com o lençol até o regurgitar e os gases.

Jéssica começa a mexer o braço direito, às vezes balançando o lençol como já fizera antes, depois esticando o braço em minha direção. Volta a se virar para o lado várias vezes. Quando faz isso, encontra novamente os brinquedos que estão sobre o berço. Fica atenta e toca neles, manipulando-os novamente com a ponta dos dedos. Afasta para mais longe o chocalho. Ela já tem toda uma possibilidade nova de controle do ambiente. Mas e eu? Não sou como o chocalho, não sou como o cubo de plástico. Volta-se, então, de novo, para mim. Começa a se mexer, a tentar pegar seus pés, a fazer *brruuuu*, agora salivando e, acho, experimentando com prazer essas novas possibilidades. Volta a esticar o braço em minha direção. Aproximo minha mão, colocando-a num ponto no qual ela possa tocá-la caso queira. Imediatamente ela toca a minha mão e segura de leve a ponta de meus dedos dando um grande sorriso e se movimentando mais ainda como faz quando parece estar muito satisfeita.

O bebê parece que começa a desenvolver um embrião de discriminação entre mãe e não-mãe. Parece também ter experimentado, nesta observação, a possibilidade de controle da figura estranha, transformando uma experiência de desconforto em algo prazeroso. Esta sequência indica que Jéssica já tem um ego incipiente que lhe permite regular, por períodos curtos, o tumulto que novas experiências podem acarretar. Essa nova condição lhe permite tolerar a percepção da separação, o que virá a desenvolver a capacidade de estar só. Para tanto Jéssica faz uso de possibilidades de controle corporal e de coordenação motora agora compatíveis com seu nível de desenvolvimento neuropsicomotor.

Mariana

Grande dificuldade de aceitação de pessoas estranhas ou não mamãe/ não babá

Observação nº 33 – Mariana aos oito meses e vinte e oito dias

Quando chego, a babá está trocando a fralda de Mariana. Paro na porta do quarto e as cumprimento. Mariana, que estava deitada no trocador, vira o rosto, me olha e começa a chorar muito forte, tremendo o corpo todo e se sufocando de tanto chorar. A babá a ergue em seu colo mesmo sem terminar de limpá-la e ainda sem nova fralda. Mariana se agarra fortemente à babá e continua chorando muito. Procura esconder seu rosto sob o pescoço, braço ou blusa da babá e assim permanece em choro convulsivo por mais de meia hora, apesar do cuidado da observadora de sair do seu raio de visão. *Há uma reação de terror frente à figura estranha, não mãe, não babá. Segundo relatos da família este comportamento*



tem se repetido em várias ocasiões com qualquer pessoa que se aproxime, criando situações embaraçosas a ponto de visitas se retirarem da casa. O tumulto de novas experiências não pode se transformar em curiosidade ou novas explorações diante de um pavor intenso que não cede com o acolhimento recebido, pois predomina grande ansiedade persecutória. Nas conhecidas descrições de Spitz, quando aborda a ansiedade dos oito meses diante de estranhos, aos quais o bebê assim reage por não ser a sua mãe que então o deixou, ele também afirma que “quando as ansiedades dos oito meses são brandas, a presença da mãe bastará para apaziguá-las” (Spitz, 1988, p.115). Este apaziguamento não era possível para Mariana, que, mesmo se agarrando à sua babá, continuou por muito tempo em estado de extrema ansiedade, ainda que a observadora ficasse fora do seu campo visual.

Jéssica

Comunicação da mãe com o bebê – uma conversa se estabelece

Observação nº 20 – Segundo momento: Jéssica aos cinco meses e cinco dias

Tatiana aproxima-se do berço. Jéssica sorri, movimenta-se. Seu olhar para a mãe é de encantamento. Mãe: “– Você não quer dormir, não? Quer ir para a sala ver o peixinho?” Estende os braços para o bebê, com as duas mãos abertas. O bebê apenas a olha sorrindo, sem fazer nenhum gesto. Tatiana me conta que, pela manhã, quando Jéssica acorda, imediatamente abre os braços para ser levantada do berço. Mas que, agora, “ela deve estar querendo ficar ali”. *A mãe confia na capacidade do bebê de se comunicar e de lhe dar informação sobre o que deseja e o que não deseja e dá significado de intencionalidade aos seus gestos. Cria-se aqui um diálogo a partir dos gestos corporais.*

Mariana

Uma interação sem sintonia com a emoção do momento

Observação nº 12 – Mariana aos três meses e seis dias

Ainda que esta observação não siga a linha do tempo em relação à anterior, ela parece ilustrar de forma muito clara a desconexão das emoções com as experiências vividas e por isto a elegemos para figurar aqui como se segue.

A mãe senta-se no sofá e põe a filha sentada em seu colo. A TV está ligada. A mãe pega um mordedor e tenta colocá-lo na boca do bebê, mas ele recusa. A mãe diz que leu um livro que fala da importância de os bebês colocarem as coisas na boca (sua fala é entrecortada por silêncios, olhares para a TV, para revistas, etc.). Em outro momento, o bebê é colocado em sua cadeirinha onde um arco



prende vários brinquedos. O bebê não presta muita atenção aos brinquedos e volta sua cabeça para a TV. A mãe diz que vai perguntar à pediatra com que idade as crianças começam a juntar o que ouvem e o que vêem e seguir com os olhos os objetos, porque, de manhã, quando vai pegar a filha no quarto, ela sorri quando ouve a sua voz, mas continua olhando para o ponto de luz verde da câmera que fica ligada no seu berço. Há também a informação de que o bebê não dorme o dia todo já há um mês, a não ser pequenos cochilos. A mãe acha que a vida da filha é assim porque é muito chata, já que não sai para passear.

Nossa discussão aponta para uma mãe insegura na sua identidade materna, procurando normas, pois não se autoriza a fazer suas próprias observações. Supomos que a mãe busque continência na pediatra para suas angústias com a filha que prefere o inanimado ao rosto humano. Há uma não integração da consensualidade, não se juntando olhar e audição em relação a um mesmo objeto. O ponto de luz da câmera parece promover um aglomerado de sensações sem integração. O rosto da mãe, que seria um espelho com as emoções integradas, não é buscado e muitas vezes também não é oferecido, pois a filha, em geral, é monitorada à distância com o controle remoto de uma webcam nos diferentes cômodos da casa. Como temos alteração do ritmo vital de sono e vigília, supomos que ansiedade e tensão não deixam a bebê relaxar. O comentário da mãe que sua filha tinha uma vida chata porque não saía para passear parecia apontar para o não reconhecimento de sentido nos gestos e emoções da filha, deixando-a a mercê de suas ansiedades.

Jéssica

O uso da TV

Observação nº 31 – Jéssica aos dez meses e um dia (e também nos meses seguintes)

Observei Jéssica diante da TV pela primeira vez aos dez meses. Pude acompanhar seu interesse progressivo pelas imagens, pelos sons, pelos movimentos dos personagens e pelas músicas dos programas infantis. Mais tarde Jéssica vai, muitas vezes, imitar o que vê, com entusiasmo. Observei, no entanto, que, mesmo quando entretida com a TV, ela sempre procura *partilhar* seu interesse e suas descobertas sinalizando para a mãe, para mim ou para a empregada da casa o que acaba de ver. *A TV serve como um estímulo a mais, mas não substitui o contato humano. O bebê faz uso desse novo estímulo integrando-o na comunicação com as pessoas à sua volta.*



Mariana

A linguagem da TV e dos brinquedos pedagógicos e o silêncio das pessoas

Observação nº 29 – Mariana aos sete meses e vinte e cinco dias

O bebê é sentado no chão em frente à TV. A babá, sempre olhando para a televisão, pega um cachorro de pano multicolorido que tem as partes do corpo escritas nos locais correspondentes e começa a apertá-lo em vários locais. Conforme o local apertado ele emite um som: barriguinha, pé, nariz etc. Ele também recita o abecedário. O bebê não se interessa por ele e procura pequenos mordedores e um chocalho que tenta chupar. Enquanto isso a TV dizia: “-Vamos aprender as cores!” e eu pensava que bebê naquela idade não teria maturidade visual para tal distinção. Depois uma música tocava na TV: “– Há um mundo colorido lá fora, onde as cores fazem sentido” e eu pensava que faltava ao bebê experiências não virtuais onde as coisas fizessem sentido.

A discussão conclui que a TV e não a interação humana é o que se oferece ao bebê. A TV estimula uma sobre-excitação, tornando difícil para a criança integrar suas percepções e emoções. A TV não lhe oferece as nuances da voz humana, as músicas gravadas não têm a expressão afetiva particular da cantiga de ninar para aquele bebê especificamente, é apenas algo mecânico.

Quanto aos brinquedos oferecidos, parecem atender ao ideal do ego dos pais, mas se mostram inadequados para sua idade, pois lhe exigem uma maturidade que ainda não tem. A ideia de alfabetização parece advir de um processo puramente racional sem qualquer substrato emocional. O bebê tenta se preencher como se os brinquedos fossem os bicos do seio e morde alguns para descarregar sua sobre-excitação.

Jéssica

Brincar de esconder e Jogo do Carretel – A elaboração da separação

Observação nº 31 – Jéssica aos dez meses e um dia

Jéssica sai do quarto onde estamos a mãe e eu. Engatinha até o corredor, a mãe a acompanha. Jéssica senta-se no chão e a mãe faz o mesmo. De onde o bebê está não pode me ver inteiramente. Movimenta então a cabeça e, usando a parede como um anteparo que se interpõe entre nós, faz um jogo de esconder comigo. Repete inúmeras vezes o *experimento* e ri divertida.

Observação nº 37 – onze meses e vinte e dois dias

Há quinze dias Jéssica passou a ficar quatro horas no berçário e em seguida a mãe começou a trabalhar. Hoje observo uma novidade. O bebê brinca com uma



bola, fazendo-a deslizar pela pele até a altura do seu pescoço e, em seguida, a faz rolar atrás de suas costas. Aí se volta para encontrar a bola. Tenho a impressão de que é uma variação do jogo do carretel. Jéssica repete esse movimento várias vezes. Faz tudo isso vocalizando, muito entusiasmada. A mãe comenta que ela começou a brincar muito com a bola desse jeito. Nas observações subseqüentes esse jogo é ampliado e o bebê *faz desaparecer* seus brinquedos e vai buscá-los em seguida. Mantém o padrão de passar primeiro o brinquedo em sua pele para em seguida fazer com que *desapareça*.

Observação nº 53 – doze meses e vinte e três dias

Jéssica usa o controle da TV para fazer aparecer e desaparecer as imagens e se diverte muito com esse *carretel high tech*. *Observa-se desenvolvimento progressivo da capacidade de tolerância à separação, embrião de simbolização.*

Mariana

Observação nº 40 – Mariana aos doze meses

Mariana demonstra muita dificuldade para aceitar a presença de terceiros, que lhe causam verdadeiro terror, num funcionamento sempre de apego, com muita aflição, ao corpo da babá. Expressão facial predominantemente de apreensão, grande dificuldade para dormir, comer e relaxar são as principais características desta fase de Mariana. *Nossas discussões apontam a evidente dificuldade no desenvolvimento da capacidade de tolerância à separação, a impossibilidade do jogo do carretel ou similar, o uso da adesividade para lutar contra ansiedade persecutória intensa.*

Jéssica

Linguagem

Aos dezoito meses, época em que terminei a observação, Jéssica é uma garotinha capaz de brincar com suas bonecas, imitando os cuidados que ela própria recebe, interessada pelas figuras de livros, desenvolta do ponto de vista motor, interessada no contato com o observador, sem qualquer dificuldade para se alimentar ou para dormir.

No que diz respeito à aquisição da linguagem, no entanto, embora Jéssica tenha apresentado todos os passos para sua aquisição – vocalizações, repetição de sílabas, *discursos inflamados com entonações variadas* – aos dezoito meses *seu vocabulário não tem mais do que dez palavras.*



Observação nº 53 – dezesseis meses, vinte e três dias

Assim que chego o bebê me olha e vocaliza animada: “Ouh! ouh!”. Está com um ursinho na mão e o mostra para mim, estendendo o braço. Eu digo: “– Olha o ursinho da Jéssica!”. Ela põe o ursinho dentro de uma caixa de plástico e chacoalha a caixa como eu já a tinha visto fazer com outros brinquedos. Em seguida ela vai até a sala, sempre com a caixa na mão. Olha o aquário atentamente, depois me olha. Repete isso algumas vezes. Eu percebo que há algo que ela quer me comunicar. Só então noto que a caixa é de comida para peixes. Digo: “– Essa caixa é da comida do peixinho, não é, Jéssica?”. Ela se desinteressa da caixa, deixando-a sobre uma mesinha e vai brincar com o ursinho. Ela já tinha comunicado o que desejava e sido compreendida por mim.

Apesar dessa aparente lentidão para a aquisição da linguagem verbal, Jéssica se mostra capaz de comunicar com clareza uma situação razoavelmente complexa. Parece confiar na possibilidade de ser compreendida. O que poderia estar ‘retardando’ a linguagem?

Mariana

Uma interação humana lúdica e o início de palavras

Observação nº 40 – Mariana aos doze meses

Mariana está agarrada à babá. Sentadas silenciosamente no sofá em frente à televisão ligada, aos poucos o bebê começa a se movimentar sobre a babá para um lado e para o outro. Toca o telefone e a babá atende. Percebo que é o pai perguntando se a filha comeu e a babá lhe explica que comeu só um pouco. Quando a babá desliga o telefone, o bebê quer pegá-lo e então a babá fala: “– Alô, é o papai?” Vejo o bebê sorrir pela primeira vez neste ano de observação. Ela pega o telefone com as duas mãos e depois o oferece novamente à babá e emite um som que se assemelha a pa-pa. A babá pega o telefone e diz: “– Alô, é a mamãe?” Então a bebê diz: “– ma- ma”.

A discussão aponta a capacidade da criança de fazer um jogo imitativo, de associar telefone com pai e depois mãe, no momento em que se lhe oferece uma comunicação emocional. O telefonema do pai parece provocar uma ligação da babá com a menina, o que modifica suas respostas.

Interrupção da observação de Mariana após um ano: uma nova proposta

Como nesta altura da observação vários elementos do desenvolvimento de Mariana nos preocupassem (perturbação no ritmo do sono, inibição do brincar e da interação com outras pessoas, desencadeamento de estados de terror diante de



terceiros, algumas dificuldades alimentares, etc.) optamos por encerrar a observação a fim de permitir outro tipo de contato com os pais no qual nossas preocupações pudessem ser examinadas de maneira mais ativa junto a eles buscando abrir outras possibilidades de intervenções mais oportunas.

O método de observação de bebês de Esther Bick havia se revelado como valioso instrumento de diagnóstico de dificuldades emocionais que se evidenciavam no comportamento e nos vínculos do bebê, ainda que este não fosse seu objetivo específico. Ante as limitações do referido método, que não se propõe um objetivo terapêutico, muito embora a presença de um analista no campo observacional possa ter efeitos desta natureza, e ante a evidência de um padrão que configurava os fundamentos de uma evolução patológica, surge como questão ética marcar uma entrevista com os pais. Este procedimento marca o fim da observação para abrir as portas a um trabalho terapêutico.

Durante entrevista realizada com os pais após o encerramento da OB buscamos possibilidades de observação por parte dos mesmos de aspectos emocionais seus e do bebê. Evitamos devolutivas que comentassem sobre o bebê ou sobre os pais e optamos por estimular que eles expandissem suas próprias percepções. Um *flash* de experiência emocional compartilhada com a analista / observadora durante a entrevista, atribuindo significado ao gesto dos pais, foi uma referência para sensibilizá-los de forma viva e não apenas uma tentativa de explicação racionalizada. Ao ser acolhido mais ativamente, o casal se mostrou com condições de ampliar as reflexões sobre suas próprias observações. Ambos mostraram alguma capacidade de rever suas posturas e ansiedades, ainda que isto fosse nitidamente mais difícil para a mãe. A consciência dos pais sobre a perturbação da filha implica em disponibilidade para elaborar e rever suas próprias ansiedades, o que parece facilitado por um vínculo de confiança no trabalho da observadora, mostrando assim marcas da presença respeitosa, assídua, interessada e atenta que puderam registrar durante um ano e que explicitam neste momento, evidenciando assim outro desdobramento do método que também contribuiu para a introjeção destas referências. □

Abstract

Esther Bick baby's observation method and its potential for diagnosis through the comparison of two cases observed

The authors emphasize the potential of Esther Bick baby's observation method for the psychoanalytical assessment of emotional development in early childhood, as well as the possibility of its use as a prevention agent for emotional disorders.



They consider that this method can be used as an instrument for early diagnosis of Global Development Disorders. By means of comparing two observational cases, metapsychological hypothesis were suggested. In one case it pointed to birth and mind development, and in the other, to possible developmental disturbances. The authors discuss the validity of an intervention when the presence of pathological invariants in the development of the baby within the family are identified. They propose the interruption of the observation to suggest, whenever possible, a proper psychoanalytic intervention or, at the end of the observation, an interview with the parents to raise awareness of the characteristics of the baby's mental development and propose therapeutic strategies whenever necessary and possible.

Keywords: Esther Bick method, prevention, emotional development disorders.

Resumen

El método de OB Esther Bick y su potencial diagnóstico mediante la comparación de dos casos observados

Las autoras destacan la potencialidad del método de observación de bebés Esther Bick para el diagnóstico psicoanalítico del desarrollo emocional en la primera infancia, así como la posibilidad de su aplicación como factor preventivo de las perturbaciones emocionales. Consideran que el método puede servir como instrumento para el diagnóstico precoz de los Trastornos Globales del Desarrollo. A través de la comparación de dos casos observados fueron levantadas hipótesis metapsicológicas que muestran el nacimiento y desarrollo de la mente en uno de los casos y la estructuración de perturbaciones en el desarrollo en el otro. Las autoras discuten la pertinencia de una intervención cuando en los seminarios se constata la presencia de invariancias patológicas en el desarrollo del bebé en la familia. Proponen la interrupción de la OB para sugerir, cuando posible, una intervención psicoanalítica oportuna o, al término de la observación, el ofrecimiento de una entrevista a los padres con el objetivo de despertar la consciencia sobre el proceso de desarrollo del bebé y proponer estrategias terapéuticas cuando sea necesario y posible.

Palabras llave: Método Esther Bick, prevención, trastornos del desarrollo emocional.



Referências

- Abdala, G. K. *et alli* (2001). *La observación de bebés y la identidad psicoanalítica*. Trabalho apresentado no Departamento de Crianças e Adolescentes, APdeBA.
- Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalysis training. *Int. J. Psychoanal.*, 45, p. 558-566.
- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*. Londres: Karnac.
- Houzel, D. (2001). Aplicación terapéutica de la observación de lactantes en psiquiatría infantil. *Revista Internacional de observación de lactantes y sus aplicaciones*, 2, Fundación Kamala, pp. 75-90.
- Keats, J. (1993). *Lettres*. Paris: Belin, p. 76. Tradução R. Dauren.
- Lisondo, A. B. D. *et. alli* (2007). *O método Esther Bick: Seu potencial diagnóstico e preventivo*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Observação de Bebês: Método Esther Bick, Buenos Aires, ago. 2008.
- Litvan de, M. A. (2007). Infant observation: A range of questions and challenges for contemporary psychoanalysis. *Int. J. Psychoanal.*, 88, p. 713-733.
- Neborak, S. et al. (2001). De la mirada fascinada a la mirada de conocimiento en la observación de un bebé. *Revista Internacional de Observación de Lactantes y sus Aplicaciones*, 2.
- Spitz, R. A. (1988). *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ungar, V. (2000). *Los fundamentos teóricos en el método de observacion de bebés de Mrs. Bick*. Trabalho apresentado em Clínica Pais-Bebês, Porto Alegre, out. 2000.
- Winnicott, D. W. (1975). O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (pp. 153-162). Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 22/11/2011

Aceito em 30/01/12

Revisão técnica de **Vânia Dalcin**

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

Rua José Morano, 313

Bairro Nova Campinas

13100-055 – Campinas – SP – Brasil

e-mail: alicia.lisondo@uol.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA